

PACIENTE TERMINAL E CUIDADOS PALIATIVOS SOB A ÓTICA DE ENFERMEIROS.

BERTOLINO, Karla Cristiane Oliveira¹

NIETSCHE, Elisabeta Albertina²

QUINTANA, Alberto Manuel³

CAPAVERDE, Solange⁴

Introdução: A cultura ocidental, desde o século XIX, orienta os profissionais de saúde, particularmente médicos e equipes de enfermagem, a exibirem atitudes que negam a morte e o processo de morrer. Como consequência, controlar este último processo da vida transformou-se em finalidade científica e “o pavor de perder a salvação eterna foi substituído progressivamente pela esperança de viver mais, de postergar a morte, de ser surpreendido por uma descoberta científica capaz de cancelá-la”^{1:7}. Atualmente, muitos doentes se encontram depositados em instituições hospitalares, muitas vezes sem companhia dos familiares ou até mesmo abandonados por estes. Os pacientes no limiar entre a vida e a morte, sem perspectivas de melhora do seu sofrimento, estão normalmente sujeitos a uma “parafernália tecnológica” que não alivia nem a dor nem sua agonia. Nesse contexto, “quando a vida física é considerada

um bem supremo e absoluto, acima da liberdade e da dignidade, o amor natural pela vida se transforma em idolatria”^{2:4}. Pensando assim, as ciências médicas, implicitamente, gera um culto idólatra pela vida, estabelecendo a fase terminal como uma luta incessante, mas incoerente, contra a morte. O convívio com o paciente terminal, que requer cuidados específicos, e com a morte e suas implicações pessoais, éticas e profissionais, suscita que as equipes de enfermagem busquem conhecimento sobre o assunto e formem seu juízo crítico, especialmente acerca dos fatores humanísticos e bioéticos que envolvem a situação de morte iminente em ambiente hospitalar. Assim, os enfermeiros têm papel imprescindível no cuidado ao paciente terminal. Presume-se, então, que deva haver preocupação constante no cuidado a este paciente, visto que essa fase pode ser terrivelmente difícil tanto para todos os

¹Autora-relatora. Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-graduação – Mestrado – em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM – Santa Maria – RS – Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem e Saúde/GEPES, k.karla@live.com.

²Autora. Orientadora. Enfermeira. Doutora. Professor Associado da UFSM. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Enfermagem da UFSM. Coordenadora do GEPES, enietsch@terra.com.br.

³Autor. Psicólogo. Doutor. Professor Associado do Departamento de Psicologia da UFSM. Professor do curso de graduação em Psicologia e de pós-graduação em Enfermagem da UFSM. Membro do GEPES e Líder do NEIS, albertom.quintana@gmail.com.

⁴Autora. Físico-química. Doutora. Consultora Educacional em Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Professor Adjunto do Departamento de Física da UFSM – aposentado. Membro do GEPES, solverde.sma@terra.com.br.

envolvidos. No dia-a-dia do cuidado terminal/paliativo, os enfermeiros devem proporcionar um fim digno, baseado nos preceitos da humanização e da ética profissional. **Objetivos:** Identificar a concepção que os enfermeiros possuem sobre o paciente terminal e cuidados paliativos, além de propiciar reflexões quanto ao processo de morte e morrer. **Metodologia:** Esta pesquisa foi do tipo exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa, realizada no Hospital Universitário de Santa Maria/HUSM, em Santa Maria-RS, entre os meses de setembro e dezembro de 2007. A população constou dos enfermeiros das unidades de Clínica Médica I e II e Unidade de Terapia Intensiva/UTI Adulto. Do total de 25 enfermeiros nas três unidades, a amostragem foi composta por 14, os quais atingiram os critérios de inclusão do estudo: aceitar participar livremente da pesquisa; exercer atividades nas unidades referidas e no HUSM por, no mínimo, dois anos. Coletamos os dados por meio de entrevistas semi-estruturadas, submetidas a testes prévios de validação. O instrumento de coleta de dados contemplou duas partes: cabeçalho, com dados de identificação do entrevistado, e questões norteadoras deste estudo. Registramos as entrevistas em microgravador e as transcrevemos na íntegra. Analisamos os dados a partir da técnica de análise de conteúdo: ordenação, classificação dos dados e análise final³. O projeto de pesquisa apreciado e autorizado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria. Os princípios éticos foram respeitados, de forma a proteger os direitos dos participantes da investigação, “considerando-se autonomia, capacidade, voluntariedade, informação,

esclarecimento e aceitação em participar da pesquisa”^{4:183}. Os sujeitos somente integraram este estudo mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde⁵. O sigilo dos participantes foi preservado por meio de códigos para identificação das falas (E1, E2, E3...). **Resultados:** Foram divididos em três categorias. A primeira identificou sexo, faixa etária, unidade de trabalho, cargo, tempo de serviço desde a formação e tempo de serviço no HUSM. Dos 14 enfermeiros que preenchiam os critérios de inclusão, participaram somente 10 (71,43%), por motivos diversos. Destes, um (10%) é do sexo masculino e nove (90%), do sexo feminino. Quanto às faixas etárias, um enfermeiro (10%) tem menos de 30 anos, cinco (50%) têm entre 30 e 40 anos, três estão entre 41 e 50 anos e um enfermeiro conta mais de 50 anos. Três enfermeiros (30%) integram a equipe da UTI Adulto, três (30%) trabalham na Clínica Médica I e quatro (40%), na Clínica Médica II. Sete enfermeiros (70%) exercem funções assistenciais, e três (30%) exercem assistência e gerência da unidade. Quanto ao tempo de serviço transcorrido desde a formação acadêmica, três enfermeiros (30%) exercem sua profissão entre seis e nove anos, quatro (40%) trabalham há cerca de dez a 17 anos e três (30%), entre 21 e 26 anos. No HUSM, quatro enfermeiros (40%) trabalham há cerca de quatro a seis anos, quatro (40%) trabalham de nove a 12 anos e dois (20%), há cerca de 13 a 15 anos. A segunda categoria identificou a concepção dos enfermeiros sobre paciente terminal, por meio da pergunta “O que você entende por paciente terminal?”. Para todos os enfermeiros, o paciente terminal é aquele que

não tem mais chances de sobreviver, não apresenta recuperação de sua saúde porque não existem alternativas de cura para sua doença, independentemente de receber tratamento médico ou não. Um enfermeiro mencionou a importância do consenso entre família e equipe no estabelecimento do diagnóstico de paciente terminal. A terceira categoria abordou a concepção que os enfermeiros possuem sobre cuidados paliativos, por meio da pergunta: “O que você entende por cuidado paliativo?” Surgiram três subcategorias de respostas. Na primeira, os enfermeiros conceberam cuidado paliativo como sendo o cuidado que contempla medidas de conforto e higiene para o paciente. Outros enfermeiros assinalaram que cuidados paliativos, além de demandarem medidas de conforto, abrangem também analgesia e alívio do sofrimento, a fim de proporcionar um fim de vida digno. Para um enfermeiro, contemplando a efetividade da comunicação, cuidado paliativo é dispensar atenção ao paciente e sua família, a fim de manter comunicação adequada e resolutiva, além de considerar o estado psicológico dos familiares para promover auxílio, quando necessário. **Considerações finais:** Por meio da análise e discussão dos dados, observamos vários entendimentos acerca dos aspectos que abrangem o contexto de terminalidade de vida. Em consequência, constatamos a complexidade da situação de terminalidade tanto para pacientes quanto para enfermeiros no processo de cuidar. O fim da vida implica questões práticas, teóricas, pessoais, sociais e bioéticas que tornam extremamente desgastante a assistência de enfermagem àquele que está morrendo. Em síntese, a assistência ao paciente terminal é um desafio para os profissionais da saúde,

especialmente médicos e enfermeiros, por estarem cotidianamente prestando os cuidados a esta clientela. Essas circunstâncias requerem intenso compromisso técnico-científico a fim de proporcionar ao doente respostas plausíveis às suas necessidades, ou seja, tratamento para o alívio da dor, apoio psicológico e cuidados paliativos⁶. O estudo sobre a morte iminente e todas as implicações que este evento possui exige do profissional da saúde a compreensão de que, como ser humano, também é finito. Portanto, à medida que este estudo também visou proporcionar reflexões acerca do cuidado ao paciente terminal, propomos a elaboração de novos estudos concernentes ao tema, uma vez que se trata de um assunto complexo, de múltiplas questões de difíceis abordagens. É relevante destacar que é imperativa a necessidade trabalharmos adequadamente os temas concernentes à terminalidade de vida desde a graduação, para prepararmos os profissionais para esse tipo de enfrentamento, uma vez que diversos estudos apontam que os profissionais da saúde somente são ensinados para o cuidado para a vida e não para a morte.

Palavras-chave: doente terminal; cuidado paliativo; enfermagem.

Referências

1. Nascimento CAD, Silva AB, Silva MC, Pereira, MHM. A significação do óbito hospitalar para enfermeiros e médicos. Rev. Rene. 2006; 7(1):52-60.
2. Pessini L. Distanásia: Até quando investir sem agredir? Brasil, 1996. [acesso 27 jun. 2007]. Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/revista/bio1v4/distanasia.html>.

3. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7 Ed. São Paulo: Hucitec/Rio De Janeiro: Abrasco, 2000. 371 p.

4. Biondo-Simões MLP, Martynetz J, Ueda FMK, Olandoski M. Compreensão do termo de consentimento informado. Rev Col Bras Cir [on line]. 2007; 34(1). [acesso 11 abr. 2008]. Disponível em: <http://scielo.BR/rcbc>.

5. Brasil. Resolução nº 196, 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e as normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde. Brasília. [acesso 23 jul. 2007]. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196.doc>.

6. Sgreccia L. Aspectos éticos da assistência ao paciente moribundo. Brasil, 2005. [acesso 06 jun. 2007]. Disponível em: <http://www.acidigital.com/eutanasia/assistencia>.